

Obediências e transgressões nas vivências da sexualidade

Obedience and transgressions in experiences of sexuality

Andrea Cristina Martelli¹
andreamartelli72@hotmail.com

Resumo

Este estudo problematiza o imaginário da sexualidade de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em pesquisa desenvolvida no processo de doutoramento. Das questões orientadoras da nossa pesquisa, neste texto, optamos em problematizar se, nas suas vivências da sexualidade, as professoras descortinam novos caminhos ou apenas vivem de acordo com os princípios institucionais apreendidos no decorrer de suas vidas. Como metodologia de pesquisa, trabalhamos com a História Oral de Vida e História Oral Temática, e nosso referencial teórico fundamentou-se, essencialmente, nas obras de Michel Maffesoli. Realizamos entrevistas com professoras, as quais narraram suas vidas balizadas por um tema específico: as vivências de sua sexualidade. A análise das narrativas nos mostrou que, se por um lado a religião e a família são marcas expressivas no imaginário de sexualidade dessas professoras, por outro elas construíram, no decorrer de suas vidas, fugas imperceptíveis e formas astutas de driblar os princípios institucionais apreendidos em suas existências. Dito de outro modo: as professoras vivem suas sexualidades no movimento entre obediências e transgressões.

Palavras-chave: professoras, imaginários, sexualidade, obediência, transgressão.

Abstract

This study deals with the imaginary of sexuality of teachers of the early years of elementary school and it is based on a doctoral research project. Out of the questions raised in our research project, in this text we chose to discuss whether teachers, in their experiences of sexuality, discover new paths or just live according to the institutional principles acquired during their lives. As a research methodology, we work with Life Oral History and Thematic Oral History. Our theoretical framework was based mainly on the works of Michel Maffesoli. We conducted interviews with teachers, who told about their lives guided by a specific theme: the experiences of their sexuality. The analysis of the narratives showed us that, on the one hand, religion and family are significant marks in the imaginary of sexuality of these teachers, but, on the other hand, they have built, over the course of their lives, imperceptible escapes and clever ways to avoid the institutional principles acquired over time. In other words, the teachers experience their sexualities in movement between obedience and transgression.

Key words: teachers, imaginary, sexuality, obedience, transgression.

Este texto problematiza os imaginários² da sexualidade de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, residentes na cidade de Cascavel, localizada na região oeste do Paraná. Em pesquisa desenvolvida no processo de doutoramento, no período de 2006 e 2009, investigamos a temática da sexualidade a partir de experiências acumuladas como docente no Ensino Fundamental e no Ensino Superior, em cursos de formação inicial e continuada.

O interesse em investigar a temática da sexualidade decorreu de experiências como docente no Ensino Fundamental e no Ensino Superior. Nas escolas, participávamos de conversas nos corredores e nas salas de aula – ora com os alunos e as alunas, ora com professores e professoras – sobre diferentes dúvidas, curiosidades e receios relacionados à sexualidade. Nesses momentos, identificávamos que “[...] a discussão da sexualidade fascina muitos e apavora outros tantos; ou talvez melhor seria dizer que ela fascina e apavora, ao mesmo tempo, a muitos” (Furlani, 2005, p. 10).

A partir de 1996, com a inclusão da temática da sexualidade como tema transversal nos currículos da educação básica, aprofundamos nossos estudos e passamos a abordar a questão³ em cursos de formação inicial e continuada de professores e professoras. Percebíamos o receio e a insegurança dos mesmos em trabalhar com a temática da sexualidade em sala de aula e a preocupação quanto à aceitação ou não desse trabalho pela família dos alunos e das alunas.

As inquietações espontâneas tornaram-se perguntas orientadoras de nossas pesquisas: Como nós, professores e professoras, vivemos a nossa sexualidade? Quais mitos, imagens, preconceitos, tabus, sonhos e desejos estão envolvidos, em nossas experiências, com relação à sexualidade? Quais as marcas que carregamos, na vida adulta, dos grupos sociais aos quais pertencemos? Procuramos caminhos para romper ou desviar do estabelecido? Apenas seguimos modelos? Neste trabalho, as duas últimas indagações constituem-se em nosso foco da problematização.

Para alcançarmos nosso objetivo de investigação, optamos por uma orientação teórico-metodológica que combinou a História Oral de Vida e a História Oral Temática e que se ancorou, fundamentalmente, nas contribuições de Michel Maffesoli e Michel Foucault para a compreensão da sexualidade.

Foram realizadas entrevistas junto a 10 (dez) professoras do ensino fundamental que colaboraram espontânea e consentidamente com a pesquisa. As entrevistas foram balizadas por um assunto específico e previamente estabelecido: as vivências da sexualidade.

Nas entrevistas, as professoras narraram suas vidas, experiências, memórias e histórias. Enquanto as falas ainda reverberavam em nossa memória, fizemos a transcrição literal dos depoimentos das colaboradoras, ouvindo, repetidas vezes, as fitas gravadas.

Das transcrições às textualizações, buscamos construir um texto mais claro, coeso, sucinto e compreensível, utilizando o conteúdo de cada entrevista. As perguntas foram suprimidas e incorporadas ao discurso das professoras. Além disso, foram eliminadas as palavras alheias ao léxico consagrado, as expressões cuja construção gramatical era divergente da norma culta, e os vícios de linguagem.

As diversas escritas da textualização resultaram na transcrição⁴ das narrativas individuais. Nesse momento, incorporamos ao texto escrito os silêncios, as mudanças de expressão do rosto, as diferentes entonações da voz e emoções. De outro modo, procurou-se “[...] trazer ao [à] leitor [a] o mundo de sensações provocadas pelo contato [entre a entrevistadora e as colaboradoras], e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra” (Meihy, 1991, p. 30-31).

O texto transcrito foi devolvido às professoras, o que assinalou o momento “[...] de legitimação das entrevistas por parte das depoentes” (Meihy, 1991, p. 31). Elas tiveram a liberdade de alterar, corrigir, ocultar e incluir fatos e frases; enfim, de modificar a escrita, caso não identificassem suas vidas naquelas linhas. Com as narrativas prontas e aprovadas, iniciamos o entrelaçamento das mesmas ao nosso referencial teórico.

Neste artigo, buscamos problematizar o movimento entre as obediências e as transgressões nas vivências da sexualidade de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Apesar da polissemia de significados e sentidos do termo “sexualidade”, prevalecem, socialmente, visões reducionistas, “biologizantes” e naturalizadas, comumente limitadas ao sexo. Para movimentar nossos imaginários de sexualidade, precisamos ressignificar nossas compreensões em torno dela e dos aspectos em seu entorno.

² Nesse trabalho, compreendemos que o “[...] imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas” (Maffesoli, 2001b, p. 76-77). “[...] é a relação entre as intimidades objetivas e a subjetividade. As intimidades objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser” (Maffesoli, 2001b, p. 80).

³ “De fato, a partir da segunda metade dos anos 1980, no Brasil, passou-se a discutir muito mais a sexualidade (e a homossexualidade) em várias instâncias sociais, inclusive nas escolas. A preocupação em engajar-se no combate à doença (Aids) fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério da Educação, passassem a estimular projetos de educação sexual, e, em 1996, o MEC incluiu a temática, como *tema transversal*, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs, a nova diretriz para a educação do País). Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida” (Louro, 2008, p. 36, grifo do autor).

⁴ “Roland Barthes propôs o chamado ‘teatro de linguagem’ e através dele nos valem para operar a fase final de trabalho dos discursos: a transcrição” (Meihy, 1991, p. 30).

Foucault (2003, p. 9) argumenta que o termo "sexualidade", surgido no início do século XIX, extrapola o reducionismo usualmente a ele atribuído. Segundo o autor, o uso da palavra ocorreu em meio a mudanças sociais e históricas do período, incluindo "[...] o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos [...]; a instauração de um conjunto de regras e de normas [...]" – algumas novas, outras tradicionais –, apoiadas "[...] em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres⁵, sentimentos, sensações e sonhos" (Foucault, 2003, p. 9).

As concepções que possuímos sobre o corpo constroem-se a partir das relações sociais que estabelecemos em diferentes tempos e espaços: na sociedade, nas famílias, nas instâncias culturais – dentre elas a escola –, nas imagens televisivas, nos apelos do consumo, etc. As concepções construídas misturam-se aos nossos sonhos, desejos, medos, mitos e valores. O corpo, como "criação cultural" (Alves, 2007), é um "texto a ser lido" (Soares, 2004, p. 109), com uma "linguagem própria" para se comunicar com o mundo e com o outro (Carmo, 2000, p. 82).

Nossos corpos são nomeados conforme se ajustem ou não às normas culturais. Em outras palavras: "A forma como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito às ideias dominantes na sociedade, em cada momento histórico" (Heilborn, 2006, p. 5). Cada cultura constrói padrões de beleza diferenciados⁶. Construímos outros corpos nas intervenções cirúrgicas e nas salas das academias; compramos revistas cujas capas trazem as dietas milagrosas das estrelas e cremes que não cabem em nosso orçamento mensal. Tudo para buscar um corpo ideal, propagado pelas imagens midiáticas. As modelos esguias e os atores musculosos são exemplos e inspiração para os adolescentes, que depositam toda sua confiança em centímetros de músculos, e para as adolescentes, que sonham com o corpo das estrelas globais, as quais cruzam o "tapete vermelho".

A força do padrão de beleza do gênero feminino, imposto em nossa sociedade, é ilustrada pelo depoimento de Veroni⁷, "quando penso em sexualidade, penso na mulher, não em qualquer mulher, mas naquela que suscita olhares pela beleza do seu corpo, pelo desenho do seu rosto e pelo balanço brilhoso de seus cabelos, um símbolo sexual" (Martelli, 2009, p. 57).

Na cultura, os corpos são o que são. Se a pele é branca ou não, se os cabelos são loiros ou pretos, lisos ou encaracolados, o tamanho dos seios, cintura, vagina ou pênis são, "[...] sem-

pre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marcas de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade" (Louro, 2008, p. 75).

O corpo e seus cuidados, assim como as máscaras e os adornos, constituem-se meios, entre outros, de situar as pessoas umas em relação às outras: é o corpo como "causa e efeito de comunicação" (Maffesoli, 2005c, p. 165).

O corpo é a materialidade da cultura, do social, do histórico. Nosso corpo físico é o local de nossa sexualidade, mas esta não se limita a ele. Nossa sexualidade envolve crenças, ideologias, rituais, imaginações, símbolos, convenções (Louro, 2007, p. 11) e representações no uso do corpo e de seus prazeres (Weeks, 2007, p. 43).

Ainda que entre a maioria das pessoas prevaleça o significado de algo íntimo e natural, ligado aos órgãos sexuais ou aos hormônios (Altmann e Martins, 2007, p. 134), a sexualidade extrapola a biologia. Construímos nossa sexualidade nas trocas com o mundo e com os outros; criamos sentidos e significados de sexualidade (Guimarães, 1995, p. 31). Em outras palavras, seus significados e conteúdos alteram-se ao longo da história, nas diferentes sociedades e nos diferentes grupos sociais numa mesma sociedade, bem como no decorrer da vida da mesma pessoa (Loyola, 1999, p. 36).

Assistimos, na sociedade ocidental, à produção de dispositivos da sexualidade: "[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas" (Foucault, 1995, p. 244). O dispositivo da sexualidade prolifera, inova, inventa, penetra nos corpos de maneira detalhada e controla as pessoas de maneira cada vez mais global (Foucault, 2005, p. 101).

Se a sexualidade é um conjunto dos efeitos produzidos nos corpos e nas relações sociais por um dispositivo, precisamos reconhecer que este não conduz aos mesmos efeitos e não padroniza comportamentos (Foucault, 2005, p. 120). Apesar das tentativas sociais de homogeneizar a sexualidade, por meio de discursos normatizadores e da construção de "verdades", as pessoas descobrem maneiras particulares de viver sua sexualidade, de transgredir os modelos impostos pela sociedade.

Na história da humanidade, existiram dois grandes procedimentos para produzir a verdade sobre o sexo. Na arte erótica – *ars erotica* –, a verdade é extraída do próprio prazer, compreendido como prática e experiência. O prazer não era considerado por meio de uma lei absoluta do permitido e do proi-

⁵ Compartilhamos da opinião de Maffesoli (2001a, p. 126), para quem "[...] o prazer não deve ser forçosamente compreendido como expressão de um egoísmo consumado. Já o disse, há em numerosas civilizações uma ligação estreita entre a 'preocupação consigo', 'o uso dos prazeres' (para retomar expressões de Foucault) e o bem comum. [...] Está na lógica do prazer de sair de si. É talvez o gozo místico que leva a comungar com a divindade, é talvez, mais trivialmente, o fato de 'explodir-se' na relação com o outro".

⁶ Como exemplo da diversidade cultural a respeito dos padrões de beleza, os dentes, na sociedade brasileira, são considerados como o cartão de visita de uma pessoa; já em algumas sociedades africanas, há o costume de modificá-los, como parte de cerimônias de iniciação sexual. Entre os costumes e as crenças dos Yapese, habitantes de uma das ilhas Carolinas, o escurecimento dos dentes tem função de atrativo sexual (Furlani, 2003, p. 22).

⁷ No decorrer do artigo, utilizaremos nomes fictícios definidos pelas próprias colaboradoras para preservar suas identidades.

bido e, sim, por “[...] sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma” (Foucault, 2005, p. 57). Na sociedade ocidental, pratica-se a *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX: a verdade do sexo é alcançada por intermédio de “[...] procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão”⁸; nessa sociedade, “[...] não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros” (Foucault, 2005, p. 57-58).

A confissão, como matriz que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo, perdeu sua situação ritual e exclusiva, propagando-se e sendo empregada nas mais diversas relações (Foucault, 2005, p. 62). Confessamos, constantemente, discursos de verdades sobre nossa sexualidade ao médico, ao padre, aos professores, às professoras, aos pais, às mães, aos amigos, às amigas, aos companheiros e às companheiras. Assim, mobilizamos nossos pensamentos, obsessões, desejos, imagens, sonhos, prazeres. Os dispositivos que controlam a sexualidade, incluindo as confissões, possibilitam, ao mesmo tempo, a criação de brechas, de desvios e de fugas desses controles.

São nuances desse movimento entre imposições sociais e vivências subjetivas da sexualidade que apresentaremos a seguir.

A relação entre as intimações objetivas, os limites que as sociedades nos impõem e as subjetividades (Maffesoli, 2001b, p. 80) desenham o mosaico da vivência da nossa sexualidade. Por mais que sejamos tolhidos, a sexualidade está ali, latente, latejando, pulsando: “A sexualidade se manifesta, então, a todo o momento, em todo e qualquer espaço em que o sujeito, meninos e meninas, homens e mulheres, está inserido” (Jesus, 2007, p. 190).

Creemos que nossa luta cotidiana seria viver a sexualidade de uma forma mais tranquila, numa aventura sem começo nem fim e, fundamentalmente, “escapando” da culpa cristã. Mas as narrativas das colaboradoras da pesquisa, que fundamenta este artigo, atestam que cada pessoa reage de uma forma; umas conseguem se libertar das injunções familiares e religiosas, mas outras sucumbem a estas. Outras se livram bem, alguns mais ou menos, e outras, ainda, abafam tanto que adoecem. As narrativas são repletas desses diferentes olhares e significados sobre a sexualidade.

A vivência de nossas sexualidades envolve formas e maneiras de evidenciar a procura dos prazeres – as quais são cruzadas por nossos pensamentos, crenças, mitos, preconceitos, tabus, imagens –, bem como o desejo de estar com o outro (ou não) e a afetividade, que molduram o uso do nosso corpo e de seus prazeres.

Nas palavras de Ivete, “sexualidade é comigo e com o outro; conhecer meu corpo, me olhar no espelho, me aceitar da forma como sou, tocar o outro para sentir a pele, a maciez,

a temperatura, como expressão de afeto. A mulher e o homem possuem sexualidades diferentes” (Martelli, 2009, p. 29).

A sexualidade, para Mare, “é um todo: o andar, o falar, o tocar no cabelo, o sorriso, a forma como você transforma as coisas comuns em prazer. Sexualidade é prazer. Prazer é tudo que é gostoso, que me faz sentir bem, amada, querida; enfim, uma sensação de bem-estar” (Martelli, 2009, p. 35). Margareth compreende

a sexualidade como o meu [seu] jeito de ser; aliás, o jeito de toda pessoa ser. A maneira como agimos perante o outro, como nos percebemos, as roupas que usamos, as expressões corporais. Sexualidade é a nossa expressão diante das nossas relações sociais, seja no trabalho, nas amizades, nas relações amorosas. Quando retrainos nossa sexualidade em função dos outros e da sociedade, nos tornamos infelizes (Martelli, 2009, p. 39).

Nas palavras de Sandra, “a sexualidade é a convivência, a fala, o toque, o beijo, a intimidade, e a expressão mais profunda é o ato sexual em si” (Martelli, 2009, p. 49).

Fernanda compreende a sexualidade como o desenvolvimento do corpo. As atitudes e os pensamentos sobre a vida sexual, os prazeres, os sentimentos, os desejos e os anseios. Valéria concebe a sexualidade como conhecimento e respeito ao corpo. Marlise precisou reaprendê-la. “Com o tempo, a sexualidade tornou-se prazer, o meu prazer, que se expressa de várias formas. Boa comida, bom local, roupas, cabelo, um jeito, um olhar; são detalhes do quebra-cabeça da vida a dois; o que é gostoso e agradável, guardamos; o contrário disso, abandonamos” (Martelli, 2009, p. 25). Em síntese, para ela, a sexualidade é o movimento do corpo livre no espaço em sua relação com o prazer.

Na maioria das narrativas das nossas colaboradoras, encontramos um imaginário *aesthetico* sobre suas sexualidades, ligado intimamente ao “[...] prazer dos sentidos experimentado em comum” (Maffesoli, 2005c, p. 71). Sentir a pele das pessoas por meio do toque, vê-las com suas cores, seus contornos e suas singularidades; perceber os movimentos do seu próprio corpo e do corpo do outro fundam “[...] o prazer dos sentidos [, o qual] é constitutivo do impulso vital, ele ‘faz’ sociedade, funda a socialidade primordial” (Maffesoli, 2005c, p. 84).

Reconhecer o corpo como o local dos sentidos e dos prazeres e deleitar-nos com os prazeres da vida não nos transforma em pessoas vulneráveis, “[...] mas [é] exatamente o que engendra um tipo de homem [e de mulher] capaz de elaborar a cultura que conhecemos” (Maffesoli, 2005c, p. 78). Na maioria das narrativas, o prazer dos sentidos aparece como uma religação: “[...] o que me liga aos outros, o que faz com que, junto a outros, eu tenha confiança no mundo que partilhamos” (Maffesoli, 2005c, p. 76).

⁸ “Por confissão, entendo os ‘procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (Foucault, 1995, p. 264).

Boa parte de nossas colaboradoras saboreiam o que Maffesoli (2005c) chama de "ética da estética"⁹, visto que manifestam o laço social entre si e os outros nas vivências das suas sexualidades e partem de "[...] parâmetros não racionais, que são o sonho, o lúdico, o imaginário e o prazer dos sentidos" (Maffesoli, 2005c, p. 74). O prazer dos sentidos é uma das linhas no traçado da sexualidade.

No imaginário de nossas colaboradoras, além da associação da sensação de prazer com o outro, algumas imagens reverberam, como a música, por exemplo.

Os movimentos, o contorno e o ritmo dos corpos se entrelaçando ao som harmonioso e expressivo do tango ou do mambo são as imagens de sexualidade para Eduarda. Para Marlise, "sexualidade é música, é um lugar agradável ou roupas leves. O movimento livre no espaço com meu corpo, olhando-o, sentindo-o e, se eu desejar, tocando-o" (Martelli, 2009, p. 25). Sobre isso, Margareth nos relata que "eu, por exemplo, amo me expressar através da dança: ao fazer isso, me sinto livre. A sexualidade é a liberdade do corpo e da alma da pessoa, é expressão de vida" (Martelli, 2009, p. 39).

As imagens de música e dança cruzadas com as de corpo em movimento evidenciam que "[...] a música e a exacerbação das paixões estão em constante relação" (Maffesoli, 2005a, p. 68). O corpo dança e, ao descobrir seus limites, descobre sua liberdade. O corpo pavoneia-se em festas coletivas ou em momentos pessoais; seduzido pelas músicas, esquivava-se do "dever-ser" e entrega-se ao "querer-viver", aos prazeres de instantes presentes e de estar junto com o outro.

Mas, por muitas vezes, trancamos nossos desejos no jaleco e nossas fantasias na caixa de giz, esquecendo que não somos mulher "ou" professora; somos professora "e" mulher "e" mãe "e" amiga "e" amante "e"... Vivemos nossas identificações sucessivas¹⁰ (Maffesoli, 2005c, p. 309). Vivemos muitas *personas*¹¹ em nosso cotidiano. Sandra é mãe, profissional, dona de casa e mulher. Suas sinceridades sucessivas jamais lhe serviram de argumento para não manter relações sexuais com o marido. Em algumas vezes, nem queria; em outras, usou-as como vingança pelos deslizos do marido. Marlise, no início de seu casamento, sujeitava-se aos caprichos e desejos do marido; com o passar do tempo, conquistou seu espaço; hoje, se assume como mãe, mulher, professora e, acima de tudo, sabendo o que Durante seus dias e noites, são professoras, são mães, são donas de casa, são amantes, são solitárias, são filhas, são irmãs, deslizando em meio às várias *personas*. O fato é que não nos resumimos a uma

única identidade: desempenhamos papéis diversos por meio de identificações múltiplas (Maffesoli, 2001a, p. 78).

As narrativas mostram que mudamos diversas vezes no percurso de nossa existência, construímos diferentes "eus", vivemos diversas vidas numa só. O contorno de nossa vida não é rígido, oscilamos entre a necessidade de segurança afetiva, de equilíbrio biológico, de planos vindouros e dos pequenos desvios cotidianos, das fugas, na exploração do estranho, nas errâncias (Maffesoli, 2001a, p. 80).

Somos plurais. Às vezes, mostramos às pessoas algo bem diferente daquilo que realmente somos (Maffesoli, 2005c, p. 313), vivemos nossas *personas* numa teatralidade social. Temos "[...] identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias" (Louro, 2003, p. 24). Vivemos a saudade do lar, pelo que tem de seguro, de coercitivo e de sufocante e a sedução pela aventura, pelo desejo do outro lugar e do lugar nenhum, pela vida que se abre com suas angústias e incertezas (Maffesoli, 2001a, p. 147).

Quantas vezes nos flagramos sendo obedientes às regras de comportamento impostas pela família e religião e, em outras vezes, transgredimos de modo astuto essas mesmas regras? Somos pessoas errantes, vivendo nossa pluralidade e a duplicidade de nossas existências (Maffesoli, 2001a, p. 16). É pela duplicidade, mais ou menos consciente, que as pessoas aparentemente enquadradas nos padrões sociais conseguem sobreviver às diferentes imposições destes (Maffesoli, 2001c, p. 97).

Nosso comportamento sexual não é definido *a priori*; no percurso de nossas vidas, ressignificamos, inúmeras vezes, nossas experiências sexuais (Bozon, 2004, p. 98). Nascemos e morremos lentamente no transcorrer dos dias. Talvez, esse seja nosso maior temor: temos identificações múltiplas e, por vezes, contraditórias. Identificações plurais que podem conviver ao mesmo tempo ou sucessivamente. Nossa vida é errante (Maffesoli, 2001a, p. 118), embora nem sempre admitamos ou percebamos isso.

A nossa vida é um livro escrito com diferentes tintas; com as cores do fechamento, do controle, do estável, das certezas, das seguranças mesclando-se com as da duplicidade.

Às vezes, pintamos nossos dias com as cores do enquadramento social. Vivemos nossas sexualidades numa aparência de que aceitamos os papéis impostos pela sociedade e resistimos em sair da mesmice cotidiana que sufoca nosso "querer-viver". Agimos escondendo de nós mesmos nossos desejos, nossas vontades, nossas necessidades, nosso "lado de sombra". Por vezes,

⁹ Compartilhamos do conceito maffesoliano de estética, ou seja, "[...] vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de sentir-se daqui e em casa neste mundo" (Maffesoli, 2005d, p. 8).

¹⁰ A pessoa "não se resume a uma simples identidade, mas [...] desempenha papéis diversos através de identificações múltiplas" (Maffesoli, 2001a, p. 78).

¹¹ Para Maffesoli (2005c, p. 304), a *persona* se contrapõe à ideia de indivíduo, pois, "no decorrer de uma mesma existência, cada um muda diversas vezes. Variações, modificações, conversões, revoluções, inúmeros são os termos que traduzem essas mudanças. E elas afetam sua aparência física, de início, mas também suas representações, suas relações amiais ou amorosas, sem falar da sua vida profissional". O autor ressalta que a *persona* se constrói "na e pela comunicação" e envolve "a imaginação, os sentidos, o afeto, e não apenas a razão" (Maffesoli, 2005c, p. 310).

os modelos estão tão arraigados em nossas entranhas que nos permitimos viver somente o oficializado, o aceito e o considerado normal. Passamos nossas vidas encenando os papéis do que se considera ser boa moça e bom rapaz; seguimos os rituais religiosos apreendidos na infância, no seio familiar; sonhamos com o casamento perfeito e, se porventura, o mesmo não nos trazer satisfação, resistimos em realizar uma ruptura. Seguimos nossos dias "polianos", pouco questionando nossas vidas e, se o fazemos, é no mais absoluto segredo, às vezes, às escondidas de nós mesmas, e os outros jamais saberão.

Em outras vezes, pintamos várias páginas do livro de nossa vida, esquivando-nos das imposições geradas pela sociedade, abusando da liberdade, aniquilando nossas autocertezas (Maffesoli, 2001a, p. 94), aprendendo a ética da estética, partilhando emoções e prazeres comuns (Maffesoli, 2001a, p. 125). Com a ética, aprendemos a conviver com as diferenças e o estranhamento¹², realizando um trabalho de interrogação sobre nós mesmas, de nossos valores diante da vida e das pessoas.

Tornamo-nos errantes¹³ e nômades¹⁴, seduzimo-nos pela fugacidade dos momentos, pela impermanência das coisas, das pessoas e dos relacionamentos, pela sucessão de instantes, pelo perene encontro e desencontro consigo e com o outro, pela intensidade da comunhão com as pessoas, pela alegria em celebrar a vida, rompendo com o paradigma da estabilidade das relações e da constância das pessoas. Satisfazemo-nos com as aventuras do desconhecido, com os encontros clandestinos, com as brechas dos desvios cotidianos, com o desejo de transgredir as fronteiras da lógica racionalista dos relacionamentos entre as pessoas (Maffesoli, 2001a, p. 29, 65). Maffesoli (2005a) e Sousa Filho (s.d.) permitem compreender a transgressão como criação positiva e potencializadora da ação humana; transgredir as imposições do lado iluminado da sociedade por meio de fugas, desvios, corrosões, liberdades intersticiais e anódinas. Assim, as astúcias cotidianas preservam nosso "querer-viver", possibilitando-nos viver nossas diferentes identificações.

As narrativas revelam que cada um de nós possui diferentes *personas*. Somos como Hermes e seus pés alados! Os pés assentados nas responsabilidades e as asas para fugir destas, quando o "querer-viver" irrompe, recusando-se à rotina diária (Maffesoli, 2001a, p. 96). A vida oscila entre a clausura e a abertura (Maffesoli, 2001a, p. 99); vivemos nossas identidades múltiplas e às vezes contraditórias (Maffesoli, 2001a, p. 118).

Apesar das significativas revelações das narrativas sobre o imaginário de sexualidade das professoras, o que nos incomoda e nos assusta, a partir deste estudo, é assumir ou compreender que somos e vivemos escapando do trilho linear da viagem que é viver; mas, por muitas vezes, não admitimos ser duplos, errantes, diferentes. Em decorrência disso, comportamo-nos conforme a expectativa da sociedade; se nos atrevemos, é longe dos olhares dela.

Fomos culturalmente educados para seguir um modelo de homem e de mulher e, se por acaso não nos encaixamos neste modelo, sentimo-nos excluídos pela sociedade e, por vezes, excluídos por nós mesmos e pelas pessoas que sofrem do medo do novo e do estranho. Ser normal é ser igual.

As narrativas das professoras mostram que cada pessoa vive e experimenta formas inusitadas de sexualidade, deambulando entre o permitido e o proibido. Criamos constantemente formas astutas para nos libertar de modelos, de estereótipos, "[...] de conhecimentos sociais previamente concebidos, os quais conduzem o pensar e o agir sobre o mundo, a um único sentido, a uma única direção" (Jesus, 2007, p. 191), a pensar e a viver a sexualidade dentro de uma possibilidade única, fixa e rígida.

As experiências da nossa sexualidade revestem-se ora do "querer-viver"¹⁵, ora do "dever-ser" da sociedade, da família e da religião. Ainda que a religião e a família interfiram na forma como vivemos nossa sexualidade, incutindo-nos a noção de "pecado", essa interferência não ocorre sem resistências, pois ao longo de nossas vidas construímos continuamente errâncias, fugas, desvios... Com frequência, não conseguimos romper definitivamente com esses valores, que estão fortemente arraigados em nosso imaginário; mas conseguimos desviar de diversas injunções sociais que não estão em sintonia com o nosso "querer-viver".

A nossa vida se reduz, exclusivamente, ao instituído, ao "dever-ser"? As narrativas utilizadas como fonte do estudo aqui apresentado permitem afirmar que não. Mesmo sem perceber ou compreender, somos duplos, somos errantes. Também possuímos nosso "querer-viver", essa pulsão que nos lança na realização de nossos desejos e impulsos, nos conduz a nossos cantos mais velados, na busca incessante do prazer de viver instantes presentes.

Vivemos nossa sexualidade no movimento interminável entre as imposições objetivas e as necessidades subjetivas. As vivências não são únicas e fixas, e é no movimento entre o que

¹² Afirmação com base em anotações da palestra do professor doutor Márcio Marigueta, proferida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no dia 6 de maio de 2007.

¹³ "Com as do errante que reencontramos em diversos períodos históricos e em diversas civilizações, e que traduzem bem a necessidade de aventura, o prazer dos encontros efêmeros, o desejo do outro lugar, e em definitivo a busca de uma fusão comunitária" (Maffesoli, 2001a, p. 65).

¹⁴ "O nomadismo é a expressão de um sonho imemorial que o embrutecimento do que está instituído, o cinismo econômico, a reificação social ou o conformismo intelectual jamais chega a ocultar totalmente" (Maffesoli, 2001a, p. 41).

¹⁵ Nossa vida social embaralha-se entre o "dever-ser" – "o lado iluminado que explica a existência dos homens a partir de um conjunto de leis econômicas, políticas, educacionais" – e o "querer-viver" – "*lado sombra*, [que] acentua a importância das múltiplas e minúsculas situações do cotidiano onde predomina a fragmentação e pluralidade do corpo social" (Guimarães, 1996, p. 74, grifo da autora). A infidelidade pode ser aqui expressa como o "querer-viver" irrefreável da pessoa (Maffesoli, 2005a, p. 39). Apesar das amarras sociais impostas cotidianamente em nossas vidas, em algum momento expressamos por meio de liberdades intersticiais o nosso "querer-viver", o qual não se permite ser censurado por toda vida (Maffesoli, 2005a, p. 41).

devemos fazer e o que queremos viver que constituímos nossas identificações.

As experiências da sexualidade, vividas por pessoas situadas num mundo inesgotável, não se limitam às condições externas. De um lado, o mundo social (cultura, política, economia, religião, história, etc.); de outro, a subjetividade (quem, o que somos e como reagimos diante da vida), “[...] que não é privilégio de um indivíduo isolado, mas pertence a uma pessoa que se situa numa vasta rede de inter-relações e que comunga em mitos comuns” (Maffesoli, 2005b, p. 142).

As narrativas das professoras – histórias, memórias e experiências – descortinaram um mosaico de ambivalências. A religião e a família – concebidas como ameaças do pecado e do castigo, do proibido e do permitido, do certo e do errado, do homem e da mulher – são marcas expressivas no imaginário de sexualidade dessas mulheres. No entanto, elas construíram, no decorrer de suas vidas, minúsculas criações, pequenos desvios, fugas imperceptíveis e formas astutas de driblar os princípios institucionais, apreendidos nos primeiros anos de suas existências. A circularidade entre o “dever-ser” e o “querer-viver” evidencia que, apesar das imposições sociais, as professoras criam formas de fugir do instituído.

As narrativas assinalam que vivemos uma transição no mundo feminino. Entrecruzam-se permanências com fugas anódinas, polimorfos, sutis, veladas, singelas. Essas mulheres, talvez outras Mares, Sandras, Margareths, Veronis, Valerias, Marlises, Eduardas, Fernandas e Ivetes, por meio de labirintos subterrâneos, revolvem o chão do instituído, abrem brechas nos imaginários endurecidos de sexualidade e vivem suas diferentes mulheres.

Compreender a sexualidade é deambular por caminhos ambivalentes. De um lado, as imposições sociais – a família, a igreja, a escola, o trabalho... –; de outro, a nossa subjetividade – como percebemos, como sentimos, como simbolizamos, como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas. Ambas não se excluem; ao contrário, entrecruzam-se num balé sem fim. Perguntas com respostas provisórias, dúvidas latentes. Ao tentarmos definir a sexualidade, percebemos que ela não se deixa engessar, escorrega entre os dedos das mãos, como os grãos de areia. Não se limita às explicações científicas, mas se mistura às águas das sensibilidades, dos sentimentos, do afetivo, das imagens, das relações dionisíacas... Dito de outro modo: ao imaginário.

Referências

- ALTMANN, H.; MARTINS, J.C. 2007. Políticas da sexualidade no cotidiano escolar. In: A.M.F. de CAMARGO; M. MARIGUELA (orgs.), *Cotidiano escolar: emergência e invenção*. Piracicaba, Jacintho Editores, p. 131-150.
- ALVES, R. 2007. *O que é religião?* 8ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 131 p.
- BOZON, M. 2004. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 170 p.
- CARMO, P.S. de. 2000. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo, Educ, 161 p.
- FOUCAULT, M. 2005. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 16ª ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 152 p.
- FOUCAULT, M. 2003. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 10ª ed., Rio de Janeiro, Edições Graal, 232 p.
- FOUCAULT, M. 1995. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 295 p.
- FURLANI, J. 2005. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da educação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28, Caxambu, 2005. *Anais...* Caxambu. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 02/02/2009.
- FURLANI, J. 2003. *Mitos e tabus da sexualidade humana*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 194 p.
- GUIMARÃES, Á.M. 1996. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: J.G. AQUIN (org.), *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo, Summus, p. 73-82.
- GUIMARÃES, I. 1995. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas, Mercado de Letras, 128 p.
- HEILBORN, M.L. 2006. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(1):1-16.
- JESUS, R.M.B. de. 2007. Implicações da ação docente sobre as questões de sexualidade e gênero na escola. *Revista Faced*, 11:189-199.
- LOURO, G.L. 2008. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 90 p.
- LOURO, G.L. 2007. Pedagogias da sexualidade. In: G.L. LOURO (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, p. 7-34.
- LOURO, G.L. 2003. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed., Petrópolis, Vozes, 179 p.
- LOYOLA, M.A. 1999. A sexualidade como objeto das ciências humanas. In: M.L. HEILBORN (org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p. 31-39.
- MAFFESOLI, M. 2005a. *A sombra de Dioniso: contribuição a uma sociologia da orgia*. 2ª ed., São Paulo, Zouk, 158 p.
- MAFFESOLI, M. 2005b. *Elogio da razão sensível*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 206 p.
- MAFFESOLI, M. 2005c. *No fundo das aparências*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 350 p.
- MAFFESOLI, M. 2005d. *O mistério da conjunção: ensaio sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre, Sulina, 104 p.
- MAFFESOLI, M. 2001a. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, Record, 192 p.
- MAFFESOLI, M. 2001b. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*, 15 número, p.74-82.
- MAFFESOLI, M. 2001c. *A conquista do presente*. Natal, Argos, 229 p.
- MARTELLI, A.C. 2009. *O imaginário da sexualidade nas vozes de professoras*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 127 p.
- MEIHY, J.C.S.B. 1991. *Canto de Morte Kaiowá: história oral de vida*. São Paulo, Loyola, 303 p.
- SOARES, C.L. 2004. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: C.L. SOARES, *Corpo e história*. 2ª ed., Campinas, Autores Associados, p. 109-129.
- SOUSA FILHO, A de. [s.d.]. Ideologia e transgressão. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/Ideologia%20e%20transgressao.pdf. Acesso em: 30/08/2009.
- WEEKS, J. 2007. O corpo e a sexualidade. In: G.L. LOURO (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, p. 35-82.

Submetido: 07/03/2012

Aceito: 03/10/2013